

Guia do Professor

LEITURA DO TEXTO

1. O sujeito poético propõe a Lídia uma relação tranquila, contida, sem envolvimento nem paixão, nem sequer emoção, como única forma de evitar o sofrimento provocado pela separação que a morte de um deles acarreta. Esse medo é tão grande que a morte não é nomeada senão através dos **eu-femismos** contidos nas expressões “*se for sombra antes*” e “*se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio*”.

2. O poema é vincadamente **neoclássico**, de influência horaciana e esse cariz manifesta-se sobretudo nas características a seguir enunciadas.

■ **Papel do Destino (Fado):** é o destino que rege o curso do tempo que o rio simboliza e no termo do qual está a morte.

■ **Referências mitológicas:** deuses, “barqueiro sombrio” que recebe o “óbolo” (Caronte).

■ **Presença do epicurismo-estoicismo:** se a vida passa e não se pode evitar a morte, é preciso, por um lado, aproveitar o presente (epicurismo) e, por outro, vivê-lo com serena e altiva aceitação do destino (estoicismo).

■ **Recurso à ode,** na tradição de Horácio (até o nome de Lídia foi Reis buscar às *Odes* do poeta latino).

Outra Leitura

Será interessante ler a “*Ode III*” do poeta neoclássico do século XVIII, Correia Garção, ele também influenciado por Horácio.



Ode

www.raizadaeditora.pt/plural12-aluno

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos).

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento –
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim – à beira-rio
Pagã triste e com flores no regaço.

Leitura do texto

- 1 Caracteriza a relação do sujeito poético com o destinatário (Lídia), considerando:
 - as normas de comportamento amoroso por ele propostas;
 - o desejo de evitar o sofrimento e o medo da morte.
- 2 Aponta as marcas pagãs e neoclássicas ao nível temático e formal, no que diz respeito a:
 - papel do Destino (Fado); as referências mitológicas;
 - presença do epicurismo-estoicismo;
 - recurso à ode.